

## *Viagem por terras de Foz Côa*

A sedução que o simbólico detém foi mote para António Sá Coixão, António A. R. Tralinho e Sandra M. Euzébio Naldinho empreenderem «uma viagem por terras de Foz Côa» e disso se fizeram eco no livro *Simbologias do Sagrado ao Profano*, editado pela Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, em Maio de 2014 (ISBN: 978-972-8763-29-9).

O que, nas suas 215 páginas, a obra detém de invulgar é o facto de, no percurso, tudo ser devidamente anotado, de todos os tempos, estruturado em dois grandes campos: a simbologia sagrada e a simbologia profana.

Integram-se na primeira os seguintes temas: dos cultos indígenas ao período paleocristão; a simbologia cristã; a simbologia mágico-religiosa e, com lugar à parte, o que chamaram a «simbologia rupestre do Côa». Na simbologia profana estão incluídos os símbolos nacionais, municipais e locais; as representações escultóricas e pictográficas; as simbologias familiares; e, por último, as simbologias profissionais, de que apenas são referidas as dos pedreiros, dado que em cinco edifícios do concelho (4 templos e muralha do castelo de Numão) se identificaram marcas de canteiro, que foram sistematicamente desenhadas.

Inserem-se no âmbito do «culto zoomórfico» a interpretação da «arte paleolítica do Vale do Côa», que «tem os animais como temática principal», assim como a representação de berrões. A secção que trata das ‘divindades indígenas’ começa por uma longa citação atribuída a Jorge Alarcão, na obra *Portugal das Origens à Romanização* (Presença, Lisboa, 1990). Aproveite-se o ensejo para dizer que J. Alarcão é o coordenador desse volume da *Nova História de Portugal* e nem todos os capítulos são, por isso, de sua autoria; o da religião romana, por exemplo, não é. Também a informação de *Breaigni* poder ser um epíteto divino, «derivado de um topónimo ISI-BRI-S ou ISYO-BRI-S», dada (na pág. 15) como constante da pág. 447 dessa obra, nela não figura efectivamente.

Além das epígrafes dedicadas a Júpiter Óptimo Máximo e da provável invocação a Hércules gravada numa penedia, faz-se referência a uma das inscrições mais recentes (FE 489, não citado na bibliografia), onde se apontou – não sem reserva – que as divindades aí veneradas poderiam ser *Lumbis*, «supostamente consideradas propiciatórias do desejo sexual». Essa opinião foi, porém, analisada de novo e, no nº 120 do *Ficheiro Epigráfico* (datado de Julho de 2014, ou seja, em data posterior à da

publicação da obra), explicou-se que, «na verdade, a hipótese de ver na pedra uma grafia estranha de *Nymphis* não é, de todo, despicienda, mormente após as observações feitas por J. Cardim Ribeiro, e optamos por esta hipótese, enquanto outra interpretação ainda mais verosímil não surgir», ou seja, tem-se a epígrafe como dedicada às Ninfas. Nessa parte se inclui o culto dos mortos, patente em dois epitáfios romanos. Em relação a uma inscrição rupestre em que surge a palavra *ortus*, até agora interpretado como «horto», ou seja, a menção da propriedade de Reburro, filho de Públio (vide *Humanitas* 46 1994 218-220), põe-se a hipótese (viável, mas, a meu ver, difícil de provar) de ser «o “bocado de terra” onde restam as cinzas de Reburro!» (p. 18).

Do período dito paleocristão assinala-se a presença de dois «cristogramas» gravados como grafitos num fundo de cerâmica e numa *tegula*, respectivamente.

Integra-se no capítulo da simbologia cristã a enumeração das igrejas e capelas (ao todo, 66 capelas) dedicadas ao culto dos santos e ao culto mariano. E, depois de uma referência às cabeceiras de sepultura – habitualmente tidas como medievais – segue-se o registo das estátuas de santos (p. 33-37) e dos cruzeiros (p. 38-56), divididos em paroquiais, de calvário ou *via crucis*, do cemitério, comemorativos e viários, a que se junta, naturalmente, o inventário exaustivo das alminhas e oratórios (p. 56-85). São também indicados os ex-votos, quer os de cera, representando, de um modo geral, as partes do corpo que o santo ajudou a curar, quer as tábuas de milagres, repositório etnográfico do maior interesse (há a reprodução, a cores, de sete).

A «presença judaica», patente em símbolos dos cristãos-novos, não deixa de ser documentada (p. 92-105).

No quadro da «simbologia mágico-religiosa», trata-se do culto da água, do fogo (alusão, por exemplo, às fogueiras de S. João e seu simbolismo), do Sol... não se deixando de aludir às gravações feitas, já em pleno século XX, por pastores, nas rochas de Foz Côa, em jeito de imitação das prístinas representações pré-históricas que ali observavam e cujo significado profundo, obviamente, desconheciam: eram desenhos! E também eles poderiam desenhar!... Será difícil ver assim qualquer conteúdo mágico, creio eu.

O capítulo dos «símbolos nacionais, municipais e locais» não deixa de ter curiosidade para quem se interesse por heráldica, na medida em que dá conta dos brasões (da Câmara, das freguesias e outros), com a adequada explicação do significado de cada elemento. Nesse tema inserem os autores o inventário dos sete pelourinhos (descrição e fotografia), reservando para o capítulo sexto o que diz respeito às

«representações escultóricas e pictográficas», o que também poderíamos designar de ‘arte urbana’, pois contempla estátuas e esculturas, com a enumeração, de seguida, dos brasões patentes em casas senhoriais (p. 175-190).

De interesse histórico – que os autores, aliás, não deixam de salientar – são os marcos de propriedade, entre os quais vamos encontrar os que ostentam a conhecida inscrição V<sup>de</sup>, que assinala as propriedades da Universidade de Coimbra, circunstância que outros documentos comprovam. E assinale-se, ainda, um marco existente perto da «Ponte do Vale» (Foto 194, p, 196), que configura a determinação do pagamento de portagem para se fazer por ali a travessia do ribeiro.

Na exaustiva bibliografia citada (p. 207-215), que inclui dicionários, enciclopédias, jornais e endereços electrónicos, apenas anotaria a opção de um dos autores por se identificar à maneira espanhola (pelo primeiro apelido e não pelo último), o que também acontece com a referência a Aguiar e Silva.

*José d’Encarnação*

Publicado em *Cyberjornal*, edição de 18-11-2014:

[http://www.cyberjornal.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1021:viagem-por-terras-de-foz-coa&catid=19:literatura&Itemid=30](http://www.cyberjornal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=1021:viagem-por-terras-de-foz-coa&catid=19:literatura&Itemid=30)

Também inserido em *archport*: <http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg19118.html>

